

Por uma educação além do capital

Education beyond capital

Rafael Kasper
rflkasper@ibest.com.br

MÉSZÁROS, I. 2005. *A educação para além do capital*. São Paulo, Boitempo, 77 p.

Será que quando entramos em uma sala de aula não nos perguntamos o porquê de estarmos ali? Não importa se somos alunos ou professores, a educação deve ter algum sentido para nós. Quantas vezes nós pensamos em estudar para tentar mudar de vida? Nesse sentido, a educação serve apenas para manter o sistema do capital. István Mészáros propõe uma educação além dessa visão capitalista. Ele propõe uma educação para a vida. Mészáros nasceu na Hungria em 1930, sendo que, aos 12 anos de idade, falsificou seu registro de nascimento para a idade de 16 anos a fim de poder trabalhar, junto com a mãe, numa empresa norte-americana, passando a receber mais que a mãe, por ser considerado um homem adulto. Em 1945, Mészáros entra em contato com o marxismo, ao se tornar ajudante de Georg Luckács, na Universidade de Budapeste, onde defende sua tese de doutorado em 1954; exila-se na Itália em 1956, após a invasão soviética na Hungria, onde leciona na Universidade de Turim. Posteriormente trabalhou nas universidades de St. Andrews na Escócia, York no Canadá. Em 1991, recebe o título de Professor Emérito, na Universidade de Sussex, na Inglaterra. Junto com a sua companheira, também professora, lutou pela escola das maiorias, das periferias, oferecendo possibilidades de se libertar do sistema. É autor de diversos livros que tratam da sociedade, da alienação, da liberdade e da educação e do poder da ideologia, muitos deles publicados no Brasil.

O livro *A educação para além do capital* é originário de um ensaio feito para a abertura do Fórum Mundial de Educação de Porto Alegre, em 2004. Nele, Mészáros expõe idéias-chave como “lógica perversa do capital”, “prática transformadora”, “círculo vicioso”, “internalização” e “automediação”, além de se utilizar de pensadores como Paracelso, José Martí, Gramsci, Marx e outros. O autor divide o livro em quatro subtítulos em que analisa a sociedade do capital e a educação.

Mészáros inicia o seu livro com a afirmação de que “uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudanças” (Mészáros, 2005, p. 25). Nesse sentido, não é possível mudar a escola, mantendo intacta a estrutura de preservação do sistema do capital. O autor acredita que as determinações fundamentais do sistema do capital são irreformáveis e incorrigíveis. Para Mészáros, é necessário romper com a lógica do capital se quisermos uma educação diferente da que temos hoje. Não adianta buscarmos soluções para a educação dentro das bases do sistema capitalista, nem tentar reformular o sistema. Para o autor, a única alternativa seria uma mudança radical, ou seja, mudar o sistema político e econômico vigente.

Nesse ponto, o autor faz referência a Adam Smith, criticando a sua visão de que os próprios trabalhado-

res são os responsáveis pela situação de pobreza em que viviam esquecendo de que, na opinião de Mészáros, o sistema é que impõe a pobreza aos trabalhadores. O autor concorda com Robert Owen que o empregado era visto como simples instrumento de ganho para o empregador, mas vai contra a solução encontrada por Owen, na sua tentativa frustrada de construir uma fábrica “socialista”, dizendo que ele “tenta conseguir o impossível: a reconciliação da concepção de uma utopia liberal/reformista com as regras implacáveis da ordem estruturante incorrigível do capital” (Mészáros, 2005, p. 31). De encontro a isto, não se pode mudar o sistema, agindo dentro do próprio. Mészáros não critica Owen por isso, mas diz que sua tentativa fracassou devido “à incorrigibilidade da lógica perversa do capital.” E complementa dizendo que Owen não via uma sociedade nova, mas sim a perpetuação da existente.

No segundo subtítulo do seu trabalho, Mészáros faz uma análise da estrutura educacional da sociedade do capital. Ele fala que:

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu – no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes (Mészáros, 2005, p. 35).

Essa idéia ilustra muito bem aquelas sociedades sul-americanas que, na segunda metade do século XX, foram submetidas a ditaduras sanguinárias, e onde a escola serviu como instituição de “lavagem cerebral”, a fim de internalizar a ideologia dominante dentro do indivíduo. O autor cita como exemplo o caso de Cuba, onde, antes da revolução, aparecia nos livros escolares que era graças aos norte-americanos, que os cubanos haviam se livrado do jugo espanhol, fato que retira da história toda a luta dos cubanos como José Martí e muitos outros que deram a vida pela liberdade de seu povo.

Mészáros acredita que apenas a tomada de consciência e as ações coletivas dos indivíduos poderão livrar a população dessa situação que ele chama de paralisante. Devemos quebrar a lógica da escola como prisão (conceito de Martí) e torná-la libertadora.

No terceiro ponto de sua obra, o autor faz uma pergunta: o que nós aprendemos serve para nosso crescimento intelectual ou serve apenas para perpetuar a ordem social alienante? Para responder a essa grande questão, Mészáros diz que:

A aprendizagem é, verdadeiramente, a nossa própria vida. E como tanta coisa é decidida dessa forma, para o bem e para

o mal, o êxito depende de se tornar consciente esse processo de aprendizagem, no sentido amplo e “paracelsiano” do termo de forma a maximizar o melhor e a minimizar o pior (Mészáros, 2005, p. 48).

Dessa forma, apenas um conceito abrangente de educação pode dar conta de uma verdadeira mudança, rompendo com o “círculo vicioso” do capital. Defendendo esse argumento, o autor toma a idéia de Gramsci e diz que não se deve separar o “Homo sapiens” do “Homo faber” (Mészáros, 2005, p. 49), isto é, não se deve separar aquele que pensa daquele que trabalha, mas sim, os dois devem ser o mesmo.

O conceito de História de Mészáros é uma evolução do marxismo, pois não condena os indivíduos a serem apenas o objeto, vítima das estruturas, mas acredita que apenas a intervenção de uma multiplicidade de seres humanos pode manter ou transformar o sistema.

Mészáros sente-se aliviado pelo fato de que a maior parte da educação não se concentra na escola, mas fora dela, e, dessa forma, o jovem pode obter conhecimento em outros lugares. O autor conclui o seu raciocínio dizendo que:

Sem um progressivo e consciente intercâmbio com processos de educação abrangentes como “a nossa própria vida”, a educação formal não pode realizar as suas muitas aspirações emancipatórias (Mészáros, 2005, p. 59).

Nesse sentido, a escola deve educar para a vida e, ao mesmo tempo, absorver elementos dela.

Na última parte de seu ensaio, Mészáros trata a educação como uma transcendência para além da auto-alienação do trabalho e acredita que o próprio trabalho possa superar a alienação, com uma reestruturação radical do sistema. Segundo o autor, o sistema do capital não conseguiria viver sem a pressão do Estado e as relações entre o mercado e o trabalho:

A alternativa concreta a essa forma de controlar a reprodução metabólica social só pode ser a automediação, na sua inseparabilidade do autocontrole e da auto-realização através da liberdade substantiva, numa ordem social reprodutiva conscienciosamente regulada pelos indivíduos associados (Mészáros, 2005, p. 72-73).

Nesse pensamento, a sociedade exploradora do capital deixaria de existir e daria lugar a uma sociedade regulada pela associação de indivíduos.

Mészáros acredita que a educação deve ser continuada, não se limitando às experiências escolares, e que é princípio básico para uma educação para além do capital. Finalizando o seu pensamento, ele diz que:

A nossa tarefa educacional é simultaneamente a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora. Nenhuma das duas pode ser posta à frente da outra. Elas são inseparáveis. A transformação social emancipadora radical requerida é inconcebível sem uma concreta e ativa contribuição da educação no seu sentido amplo, tal como foi descrito nesse texto. E vice-versa: a educação não pode funcionar suspensa no ar. Ela pode e deve ser articulada adequadamente e redefinida constantemente no seu inter-relacionamento dialético com as condições cambiantes e as necessidades da transformação social emancipadora e progressiva em curso. Ou ambas têm êxito e se sustentam, ou fracassam juntas. Cabe a nós todos [...] mantê-las de pé, e não deixá-las cair. As apostas são elevadas demais para que se admita a hipótese de fracasso (Mészáros, 2005, p. 76-77).

A educação para além do capital é um livro consistente que trata das principais questões relacionadas com a

educação nessa sociedade desumanizadora do capital. Ele é uma leitura obrigatória para toda pessoa que sonha com uma educação para a vida e não para o mercado de trabalho, é leitura obrigatória para todo aquele que se diz professor e também é leitura obrigatória para o aluno que quer entender o porquê que está estudando. Além disso, o livro é indispensável para aquele que sempre sonhou com um mundo melhor, longe da lógica perversa do capital. A única coisa que não podemos esquecer é que a escola não é o único lugar de aprendizado, mas aprendemos a todo momento e em todo lugar. Dessa forma, nossas escolhas devem ser sempre conscientes. Por fim, “A educação para além do capital” é essencial para discutirmos qual escola e qual sociedade queremos para o futuro.

Submetido em: 14/11/2007

Aceito em: 21/05/2008